

PROJETO MARAVILHA: ANNA BELLA GEIGER



Foto: Manuel Águas

“Typus Terra Incógnita”: obra monumental de Anna Bella Geiger ocupa o Bosque das Artes, no Parque Bondinho Pão de Açúcar, a partir de 14 de janeiro

No dia 14 de janeiro, o Projeto Maravilha inaugura sua segunda edição com *Typus Terra Incognita* (2025), escultura de grande formato comissionada à artista carioca Anna Bella Geiger, uma das figuras mais decisivas da arte brasileira contemporânea. Aos 92 anos e com sete décadas de carreira, a artista assina a nova intervenção no Bosque das Artes, espaço de arte contem-

porânea ao ar livre instalado em área preservada de Mata Atlântica, a quase 400 metros de altitude, no Parque Bondinho Pão de Açúcar – formação geológica com pelo menos 600 milhões de anos.

Idealizado por Fabio Szwarcwald e curado por Ulisses Carrilho, o Projeto Maravilha propõe um diálogo entre

arte, natureza e tecnologia, comissionando artistas de referência para criarem obras de grande escala em contexto de preservação ambiental. A iniciativa é carbono neutro, com todas as emissões compensadas por créditos certificados pela ONU.

A primeira edição, inaugurada em 2024, contou com o artista Carlos Vergara, que apresentou a escultura *Parênteses* e as obras *A Idade da Pedra* e *Pauta Musical*, concebidas como intervenções para o Bosque das Artes. Essas peças permanecem integradas ao percurso em 2025, estabelecendo uma continuidade poética e espacial entre as edições e consolidando o Parque Bon-dinho Pão de Açúcar como um espaço permanente de diálogo entre arte contemporânea e natureza.

“Já na primeira edição, deixamos claro que o Projeto Maravilha não é uma ação pontual, é um programa”, afirma Szwarcwald. “Agora, com uma das maiores artistas brasileiras, ampliamos esse programa.” Para Carrilho, mantêm-se o compromisso ambiental e digital, mas a narrativa ganha uma nova camada: a da cartografia crítica.

Segundo o curador, houve também uma escolha conceitual clara ao priorizar artistas de longa trajetória em um lugar de alta circulação turística e simbólica. *“Em vez do ‘artista da vez’, entendemos que um cartão-postal como o Pão de Açúcar deve receber nomes de referência da arte brasileira. Primeiro, Vergara. Agora, Anna Bella. É um voto de confiança que o projeto dá ao público: mesmo quem não conhece o nome, pode ter a certeza de que está diante de uma artista fundamental”, diz Carrilho.*

A GEOGRAFIA COMO INVENÇÃO

Desde os anos 1950, a obra de Geiger atravessa as relações entre geografia, linguagem, corpo e política. Nos anos 1970, ela passa a questionar sistematicamente o mapa – não como desenho neutro, mas como artefato ideológico, dispositivo que define o que pertence e o que fica fora, o que o olhar europeu colonizou e o que permaneceu como “desconhecido”.

“Se o Vergara nos fez olhar para a Mata Atlântica e para o tempo da pedra, a Anna Bella nos faz olhar para o modo como representamos o mundo”, afirma Carrilho. “Ela está há décadas dizendo que toda representação é incompleta, datada, falha. Levar essa afirmação para um mirante natural do Rio é muito potente.”

A artista conta que o convite do Projeto Maravilha a levou diretamente à forma da gaveta: *“Lá em cima, naquele lugar, tinha de acontecer uma coisa sólida, com um certo sentido de permanência. Então pensei: vai ser uma gaveta. Eu precisava pôr essa situação geográfica num contêiner. A gaveta abriga e revela, mas nunca contém tudo. Nenhuma imagem dá conta do mundo”,* reflete Anna Bella.

FRONTEIRIÇOS, MACIOS E A PASSAGEM PARA O ESPAÇO PÚBLICO

Typus Terra Incognita nasce de um dos eixos centrais da pesquisa de Geiger: a série *Fronteiriços*, iniciada a partir do arquivamento de mapas em cobre – dobraduras e estudos geopolíticos produzidos desde meados dos anos 1970. Ao transpor a gaveta de arquivo para o espaço monumental do Pão de Açúcar, a artista amplia um gesto originalmente doméstico e artesanal.



Orbis Descriptio com Venus – A História da escultura ocidental, da série Fronteiriços, 1996

Foto: Site da Galeria Mendes Wood / Reprodução

A escultura se organiza em três nichos interligados. Na parte superior, um mapa-múndi vazado em aço corten enquadra a paisagem do Rio de Janeiro – a Baía de Guanabara, o mar e as montanhas – fazendo com que o território real se projete dentro da cartografia imaginada pela artista.

Nos dois nichos inferiores, convivem obras de diferentes tempos e linguagens: gravuras da série *Arte y Naturaleza*, que abordam o território brasileiro e o sistema amazônico, e um frame do filme *Passagens 2* (1974), no qual a artista atravessa lateralmente o quadro. Juntas, essas camadas constroem um atlas escultórico, em que arquivar e atravessar o mundo se sobrepõem.

A artista explica: *“No momento em que veio o projeto, eu soube que tinha de criar algo sólido, um objeto com um certo sentido de eternidade. Concebi uma gaveta, o contêiner possível de uma situação geográfica. Essa gaveta abriga e revela, mas nunca contém tudo. Nenhuma imagem dá conta do mundo”, afirma. “No vídeo das passagens, o tempo insere e retira o corpo. É efêmero e é intenso. Eu sempre tive essa sensação de*

estar aqui de passagem – não no sentido da morte, mas de que a imagem nunca é a coisa toda.”

A estrutura também ecoa a série dos *“Macios”*, pinturas elípticas, levemente abauladas, em que Geiger explora o abstracionismo informal e a tensão entre gesto e território. Aqui, essa lógica de “dar corpo ao plano” reaparece com uma grande estrutura vazada: com aproximadamente quatro metros de largura e abertura na parte superior para emoldurar o horizonte, a obra é instalada de forma a convidar o visitante a mirar através dela; e a refletir sobre como olhamos e representamos o espaço.



Nuvens II, série Macios, 1978

Foto: Site da Galeria Mendes Wood / Reprodução

A obra incorpora, ainda, quatro anjos barrocos – como os que apareciam em antigos mapas, soprando os ventos – posicionados nas extremidades da peça, indicando os pontos cardeais e evocando o imaginário das navegações e das viagens sem mapa.

UMA GAVETA ABERTA PARA O HORIZONTE

Feita em aço corten – o mesmo material utilizado pelo projeto em 2024 –, a escultura reage ao tempo e às intempéries, criando uma superfície que envelhece junto com o lugar. O título em latim, *Typus Terra Incognita*, reafirma um procedimento recorrente na obra de Anna Bella Geiger: o uso da linguagem como matéria histórica. Extraída de mapas antigos, a expressão convoca a memória colonial para ser relida no presente, apontando para as incertezas contemporâneas. “*Seguimos assim: o futuro da Terra é incógnito, o da ecologia é incógnito, os problemas humanos são incógnitos*”, reflete a artista.

Instalada no Bosque das Artes, em área preservada de Mata Atlântica, a obra dialoga diretamente com as intervenções *site-specific* de Carlos Vergara. Vista da encosta da Baía de Guanabara, a escultura funciona como uma gaveta aberta para o horizonte, articulando paisagem, cartografia e experiência sensível do espaço.

ANNA BELLA GEIGER: UM CORPO NO ESPAÇO

Durante a abertura do Projeto Maravilha, em janeiro, o Espaço Maria Ercília, também no Morro da Urca, recebe a mostra *Anna Bella Geiger: um corpo no espaço*, organizada como um percurso de 13 cavaletes autôportantes, com 16 reproduções de trabalhos paradigmáticos. “*Se na primeira edição o recorte foi Carlos Vergara: um corpo no mundo, enfatizando a ética do deslocamento e da viagem, agora o foco se desloca para o espaço: o da representação, do vídeo, da página e da própria arte*”, explica o curador.

Como desdobramento, o projeto editará uma pasta com seis postais de Anna Bella, gesto que remete ao uso político e poético que a artista sempre fez da imagem em circulação e que faz eco ao fato de o Pão de Açúcar ser, ele mesmo, um dos lugares mais icônicos do Rio. Assim como o NFT oferecido ao fim do percurso digital, os postais reforçam o caráter de comissionamento singular do Projeto Maravilha.

MARAVILHA – ÍCONES NA PAISAGEM

A partir deste ano, o Projeto Maravilha passa a integrar o recém-lançado “*Maravilha – Ícones na Paisagem*”, que prevê a instalação de obras de artistas renomados em diferentes espaços públicos do município do Rio de Janeiro. A articulação entre os dois programas amplia o alcance do Maravilha, que além do Bosque das Artes, passa a contribuir para a renovação da paisagem urbana do Rio por meio de intervenções artísticas permanentes.

O Projeto Maravilha é uma iniciativa da A-Ponte, realizada pela LPC Produções e viabilizada pela Lei de Incentivo à Cultura, com patrocínio da *China National Petroleum Corporation – CNPC Brasil* e apoio do Parque Bondinho Pão de Açúcar.

SERVIÇO

Projeto Maravilha: Anna Bella Geiger

Abertura: 14 de janeiro

Bosque das Artes – Parque Bondinho Pão de Açúcar

Av. Pasteur, 520, Urca, Rio de Janeiro / RJ

Ingressos para o Parque Bondinho: www.parquebondinho.com.br
www.projetomaravilha.com.br